

O estudo de teologia em nossa faculdade e a sua relação com a realidade da I.E.C.L.B. e do Brasil

Osmar Zizemer

Ainda antes de ingressar na nossa Faculdade de Teologia muitas vezes ouvi pregações que simplesmente não me diziam nada. E esta impressão em geral não era só minha, mas muitos outros compartilhavam de minha impressão. Evidentemente o pregador ali não soube levar suficientemente em conta a nossa realidade de jovens estudantes nas suas reflexões.

Mais tarde, já na Faculdade, ao ouvir a primeira preleção exegética, sempre de novo surgia entre nós a pergunta: Como vamos pregar isto? Como vamos aplicar isto à realidade de nossas comunidades? Esta pergunta nos acompanhou e acompanha através dos seminários de AT, NT, teologia sistemática e teologia prática. Perguntamos: Se pregaros, ensinarmos e vivermos isto que estamos aprendendo aqui, estaremos respondendo às perguntas que as comunidades têm? Estaremos, pelo menos, colocando a realidade delas sob o enfoque da Palavra de Deus de maneira compreensível?

Por outro lado sempre de novo ouvem-se pastôres dizer que a Faculdade de Teologia não prepara realmente os seus estudantes para o serviço que espera por eles em nossas comunidades.

São justas estas críticas? Leva o estudo em nossa Faculdade suficientemente em conta a realidade das comunidades que compõem a IECLB, e dá êle a devida atenção à nossa realidade de sul-americanos e brasileiros?

A mão de meus poucos conhecimentos práticos do trabalho pastoral eu ousaria dizer que, se o estudo em nossa faculdade não é de todo satisfatório quanto à sua relação com a realidade da IECLB e do Brasil, pelo menos êle está no caminho para chegar a uma posição satisfatória. Passos decisivos já foram dados neste sentido:

1. A ocupação de mais cadeiras por docentes brasileiros.

Julgo êste passo de suma importância. Até há algum tempo atrás o estudo na nossa Faculdade de Teologia era orientado quase que exclusivamente por docentes alemães. Eles naturalmente conheciam bem a realidade social e eclesiástica da Alemanha. Daí ser facilmente compreensível que a teologia que êles traziam e apresentavam não podia ser sem mais nem menos aplicada à nossa realidade. Até que êstes docentes haviam captado o que se passa em nossas comunidades e em nossa sociedade e podiam começar a

traduzir a sua teologia para o ambiente da IECLB, havia passado seu tempo de serviço no exterior e tinham que retornar à sua igreja de origem. Daí de fato ter sido justificada a crítica de que na FacTeol se vivia numa pequena Alemanha e que os estudantes, após seu primeiro exame teológico, não podiam aplicar muita coisa que haviam aprendido na faculdade.

2. A escolha de temas mais condizentes com a realidade em que vivemos para os seminários e grupos de trabalho.

Isto também foi uma medida muito valiosa que se tomou. Penso, por exemplo, nos temas dos seminários de teologia sistemática ultimamente realizados: Teologia da Revolução, Teologia da Esperança, Deus como "objeto" da teologia, Liberdade Cristã. Todos os dias deparamos com o problema da guerrilha urbana, dos seqüestros, etc. Então surgem perguntas como: O cristão pode empregar a violência? E se espera uma resposta de nós. A Teologia da Revolução procura levar-nos a uma resposta possível. — Nós, sul-americanos, pertencemos ao Terceiro Mundo. Por isto temos o nosso complexozinho de não sermos livres, devido à nossa dependência financeira dos países ricos. Não será necessário refletir em torno do conceito cristão de liberdade para dar uma resposta aos que nos perguntam por isto? — e não são poucos!

Penso também no seminário de teologia prática que teve como tema: O ensino confirmatório. Nêle chegamos à conclusão de que o mesmo, da forma como está sendo dado — decorar pura e simplesmente o Catecismo Menor — é um ensino completamente alienante e que está totalmente desligado de nossa realidade comunitária com confirmandos analfabetos ou semi-analfabetos por um lado e ginásianos que já têm capacidade de raciocínio próprio por outro. O resultado dêste seminário é que hoje o Dep. de Catequese da IECLB está elaborando nôvo material didático para o ensino confirmatório.

3. A reforma do currículo de estudos com a inclusão de um número maior de matérias optativas.

Para compreender devidamente a realidade de nossas comunidades e os seus problemas, devemos conhecer a fundo as seitas que proliferam no Brasil. Para tal está prevista uma preleção sôbre as seitas e o fenômeno do pentecostalismo no Brasil. — Se na teologia moderna se tem revelado sempre mais a dimensão social do evangelho, então nada mais correto do que trazer aos futuros pastôres de nossas comunidades a possibilidade de adquirir conhecimentos sociológicos bem amplos. Para tanto foi criada a cadeira de sociologia já com funcionamento regular durante os últimos dois semestres. — De suma importância é saber lidar com jovens, fazê-los trabalhar pela sua comunidade e fazer com que êles se sintam bem nela. Para tanto é necessário conhecer a técnica do trabalho em grupo; para uma maior capacitação neste sentido existe um grupo de trabalho na FacTeol.

É natural que nem tudo está funcionando a contento ainda. Isto se deve em parte à falta de experiência dos docentes em certos campos e devido à dificuldade de se encontrar gente capacitada em disponibilidade para assumir a direção de tais cursos que exigem conhecimentos especializados. Mas pelo menos os primeiros passos no sentido de um aperfeiçoamento sempre maior estão sendo dados.

O que eu pessoalmente acho que está muito fraco ainda em nosso estudo é que deveria urgentemente receber um peso maior é a pedagogia e a psicologia, duas matérias que sempre de nôvo nos vão fazer falta.

Uma acusação levantada dentro de nossa própria Faculdade contra o estudo que ali se faz, é que a nossa formação é muito intelectual, que nós estudamos uma teologia que somente os intelectuais entendem e, no momento de pregarmos esta teologia, não somos capazes de transmitir esta mensagem em palavras compreensíveis a todos.

Aqui estamos realmente frente a um impasse:

a) Ou nós baixamos o nível e aprendemos a pregar daquela maneira singela, emotiva e quase simplória a la Billy Graham e trazemos com isto uma teologia de inspiração verbal, com um Deus mítico, etc. correndo com isto o perigo de perder a audiência da grande maioria dos intelectuais, dos líderes, dos que pensam e dirigem — e estes aumentam de dia a dia.

b) Ou nós continuamos com a nossa formação intelectual e continuamos cada um de nós se esforçando por achar uma maneira de se fazer entender por todos. Poderemos então pregar um Deus vivo e não um Deus-mito de modo que tenhamos de ser acusados de pregar “ópio para o povo”.

Acho que de maneira alguma podemos prescindir da teologia moderna, intelectual, sob pena de não alcançarmos com a nossa pregação aqueles que dirigem os destinos da humanidade, ou pelo menos do Brasil, e de sermos desonestos conosco mesmos.

Também creio que o fato de têmos dificuldades de comunicação com o povo simples, com o nosso membro das comunidades rurais, não se deve única e exclusivamente ao fato de nossa teologia ser muito intelectual. Uma das causas está na péssima estrutura de nossas paróquias, onde o pastor deve dar cinco cultos por fim de semana, fazer dois enterros durante a semana, preparar duas alocuções de casamento para o sábado, participar de reuniões de ordem auxiliadora e juventude e ainda ministrar aulas de ensino confirmatório. Infelizmente o pastor na maioria de nossas comunidades ainda é um faz-tudo. E nestas condições é muito compreensível que o pastor não tenha tempo de elaborar semanalmente sua prédica de maneira que todos a possam compreender. Assim ao domingo às vezes êle deveria dizer após a prédica: Desculpem eu ter sido tão difícil, não tive tempo de ser compreensível, parafraseando, ainda que mal, uma frase do Pe. Antônio Vieira.